

Caos no Brasil

J. Roberto Whitaker Penteado

O governo tenta fazer o simples, porque o difícil é difícil. Presidente Lula

Escrevo em meio aos noticiários de quarta-feira da semana passada a respeito do que mais ou menos todo mundo resolveu chamar de "caos aéreo". Certamente o leitor já leu e ouviu tudo o que podia sobre o assunto e eu pouco poderia acrescentar, numa coluna semanal.

Assim, voltarei no tempo ao início do ano de 2002 quando, numa reunião na casa de um amigo, falávamos das eleições próximas, em que Lula se delineava como provável vencedor. Como pensavam muitas outras pessoas, meu comentário foi de que o ativista sindical tivera um papel político importante, mas que sua participação terminava ali. Tinha receio do Lula-presidente e mais medo ainda das pessoas que iria colocar nos postos-chave da sua administração. Por isso, ouvi uma grande descompostura como dizia minha avó da Sra. Maria da Conceição Tavares, uma das convidadas, totalmente convencida de que o governo Lula seria o início de uma nova e gloriosa página da nossa história.

Escrever, agora, eu não disse? seria covardia ideológica. O que eu não sabia, contudo, é como as coisas iriam ficar sérias e graves. Quando caiu o avião da Gol, involuntariamente a imprensa revelou que o antigo DAC havia sido substituído por uma tal de ANAC e os representantes dessa nova entidade, uma senhora mal-educada e o jovem "presidente" mostravam-se inábeis e despreparados para lidar com coisa tão séria quanto a morte de 150 pessoas. De relance, a nossa imprensa (que parece estar sempre interessada em outras coisas) revelou que a tal ANAC era mais um cabide de empregos de companheiros, cuja principal função era de recolher passagens aéreas gratuitas para os seus acólitos. E, durante a crise subsequente que ainda persiste ficou claro que o nosso "ministro da defesa" não passa de uma piada de mau gosto.

Quais serão as novas "surpresas" que nos aguardam durante os próximos quatro anos? Além do transporte aéreo, todo o resto do sistema como o rodoviário encontra-se em escombros. Não temos portos decentes, acabaram-se as ferrovias. Apavora-me pensar no que pode estar acontecendo em relação à infraestrutura energética, que pode relegar o apagão do governo FHC a uma memória amena de "bons tempos". As habituais e normalíssimas chuvas de verão desvelam o mesmo pandemônio urbano, só que pior e a acelerada favelização é vista como questão "social". Os inamovíveis problemas de segurança e criminalidade pasme-se estão, no momento, em segundo plano no noticiário... E a saúde? E a educação? A sensação que tenho é de que somos uma nação de parvos e incapazes, sobrevivendo e movendo-se sobre um imenso campo minado.

Sei que são reflexões duras. A longo prazo ao comparar o Brasil com o resto do mundo continuo otimista em relação às nossas inegáveis potencialidades. Mas como impedir agora mais explosões? O que fazer para evitar o caos da próxima semana e o do ano que vem?

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=150&ID=372>>. **Acesso em:** 4 ago. 2009.